

"Brasil tem de ceder um pouco"

GAZETA MERCANTIL

por Walter Clemente
de Salvador

O Brasil precisa reestruturar urgentemente a sua dívida externa para obter espaço que permita a solução de seus problemas econômicos e sociais. Essa é a questão fundamental do País atualmente, segundo Enrique Sosa, presidente da Câmara Americana de Comércio de São Paulo e das empresas Dow no Brasil. "O Brasil necessita e merece uma reestruturação", disse ontem, em Salvador, para os membros da Câmara de Comércio local. Sosa está convencido de que o desenvolvimento pode resolver os males econômicos, mas recomenda que, além de rediscutir a dívida, o Brasil deve também reformular pontos fundamentais de seu relacionamento com o exterior.

"O Brasil ainda veste um paletó forte mas pequeno de país terceiro-mundista", disse. "E está precisando de um alfaiate novo, para se vestir como um país industrializado — a roupa velha está apertada."

Em resumo, Sosa sugere que é hora de negociar mais. Assim, seria preciso facilitar a entrada de capital de risco, que não paga juros e afrouxar o controle de preços que atrapalha o capital. "O Brasil tem de concorrer com outros mercados", disse. Seria razoável também ser um pouco mais brando no controle de transferência de tecnologia, protegendo e respeitando a tecnologia já existente dentro do país.

Importante também para Sosa é uma flexibilidade um pouco maior nas negociações externas, em casos

de protecionismo como, por exemplo, para o aço e os sapatos. "O Brasil tem de aprender a ceder um pouco, não pode simplesmente brigar com os EUA que são, de fato, o país menos protecionista do mundo."

REFLEXOS

Sosa falou para quase setenta dirigentes de empresas baianos, ontem, sobre as possíveis consequências da inauguração do pólo petroquímico da Arábia Saudita (prevista para fins de 1985) no resultado das exportações brasileiras de produtos petroquímicos. "Embora pareça estarmos um tanto distante do problema do ponto de vista geográfico, não podemos esquecer que seremos afetados em nossas exportações porque: 1) a Europa poderá preferir um forne-

cedor que está muito mais perto; 2) o Japão preferirá comprar de um fornecedor que lhe garanta também o compromisso de um suprimento de petróleo; e 3) o Oriente Médio, por motivos óbvios", afirmou. O pólo da Arábia Saudita produzirá menos soda cáustica que a Salgema e a Dow e 1,5 milhão de toneladas de etileno, equivalente à produção brasileira.

A Dow classifica-se em segundo lugar no "ranking" brasileiro de exportadoras de petroquímicos (atrás apenas da Interbrás) com uma estimativa de embarques neste ano de pouco mais de US\$ 80 milhões. No ano passado, as exportações da Dow atingiram US\$ 71 milhões, garantindo um balanço positivo em comércio exterior do grupo de quase US\$ 40 milhões.